



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO *CAMPUS* PROF. ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**LUZIA ANDRADE DE MENEZES**

**A PERFORMANCE DA MULHER EM *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA  
BARRETO**

**Itabaiana - SE**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO *CAMPUS* PROF. ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**LUZIA ANDRADE DE MENEZES**

**A PERFORMANCE DA MULHER EM *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA  
BARRETO**

**Itabaiana - SE**

**2018**

## **FOLHA DE AVALIAÇÃO**

### **BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Antonielle Menezes Souza**  
**ORIENTADORA**

---

**Prof. Me. Márcio Carvalho da Silva**  
**AVALIADOR EXTERNO**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ser Supremo, que me deu o dom da vida, proteção, saúde, coragem para percorrer com determinação meus objetivos. Reconheço que não foi nada fácil, foram muitas dificuldades que atravessaram o meu caminho, muitos obstáculos. Mas, o Deus poderoso, com seu imenso poder, ajudou-me a enfrentar a tempestade, pois, muitas vezes pensei em voltar atrás. ELE merece todo o reconhecimento.

Agradeço infinitamente aos meus pais José (*in memorian*) e Josefa. Me sinto honrada e grata por vocês terem me ensinado sempre a trilhar o caminho do bem, seus ensinamentos de respeito, educação, confiança e amor incondicional, contribuíram imensamente para meu desenvolvimento como ser humano. Obrigada meus pais queridos, pela presença constante de vocês em minha vida. Sem o amor e apoio de vocês nada disso seria possível. Amo muito vocês!

Aos meus irmãos e irmãs, agradeço pela cumplicidade, por vocês serem meus amigos, por terem me apoiado nas horas que mais precisei. Essa vitória não é só minha, é nossa.

As minhas sobrinhas e sobrinhos, afilhada (Eduarda) que madrinha ama muito. Obrigada por fazerem meus momentos mais alegres.

Aos mestres, que partilharam seus conhecimentos e pelos ensinamentos para a vida, meu muito obrigada.

O que dizer dos amigos que tive nessa jornada acadêmica? Que vocês foram incríveis, sempre ao meu lado, orientando e me ajudando nos trabalhos acadêmicos, compartilhando conhecimentos. Nos momentos de angústias vocês sempre estiveram comigo no que fosse necessário. Sou muito grata a vocês.

A todos que fazem parte da Joalheria O garimpo, obrigada pela compreensão, carinho e amizade, sempre me apoiando e incentivando para que eu nunca desistisse dos meus sonhos, serei eternamente grata a todas pelo apoio, vocês acreditaram em mim e contribuíram para o meu sucesso. Meu muito obrigada!"

“Nenhum obstáculo é grande demais quando confiamos em Deus”.  
(Aristóteles).

## **RESUMO**

A discriminação racial e social, principalmente contra a mulher, é um problema que atinge a maioria da população brasileira que sente dificuldade em integrar-se à comunidade social como um todo. As chances de emprego, os direitos e as condições de vida são desfavoravelmente relacionadas à sua sobrevivência. Lima Barreto valeu-se da literatura para denunciar criticamente as mazelas sociais sofridas pelas mulheres negras, pobres e ingênuas como deixou claro isso no romance *Clara dos Anjos* (1948). O romance é uma narrativa que tem por objetivo mostrar a condição social e moral da mulher mulata, que é oprimida, submissa e frustrada. No entanto, estão sendo criadas leis que visam diminuir a discriminação entre as pessoas de pele negra. Este trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa, tendo por objetivo principal, por meio de levantamento bibliográfico, buscar interrogar o papel da mulher em nossa sociedade e os avanços conquistados pelas mesmas, por uma vida digna e com direitos iguais. Para dar suporte ao desenvolvimento desse trabalho, alguns teóricos e pesquisadores literários fizeram parte de minha pesquisa bibliográficas entre eles Schwarcz (2017), Bosi (2017), Hidalgo (2008), Pimentel (1978), entre outros que expuseram seus artigos em mídia social.

**Palavras – chave:** discriminação, mulher, sociedade brasileira.

## **ABSTRACT**

Racial and social discrimination, especially against women, is a problem that affects the majority of the Brazilian population that feels difficulty in integrating social community as a whole. The chances of employment, rights and living conditions are against your survival-related. Lima Barreto used literature to report critically the social ills suffered by black women, poor and naive as he made it clear that the novel *Clara dos Anjos* (1948). The novel is a narrative that aims to show the social and moral condition of the mulatto woman, who is oppressed, subservient and frustrated. However, being created laws that aim to decrease the discrimination between people of dark skin. This work is the fruit of a qualitative research, having as main objective, through bibliographical survey, get to question the role of women in our society and the advances achieved by the same, for a dignified life and with equal rights. To support the development of this, work some theorists and literary researchers were part of my bibliographic research among them Schwarcz (2017), Bosi (2017), Hidalgo (2008), Pimentel (1978), among others that have exposed your articles in social media

keywords: discrimination, woman, Brazilian society.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 LIMA BARRETO E SUA IMPORTÂNCIA LITERÁRIA	12
1.1 O RACISMO PRESENTE NA OBRA CLARA DOS ANJOS E NO BRASIL	15
2 O PAPEL DA MULHER NA OBRA DE LIMA BARRETO “CLARA DOS ANJOS” E NOS DIAS ATUAIS	20
2.1 RACISMO E EDUCAÇÃO	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura analisar e tecer algumas considerações a respeito da forma como o autor Lima Barreto destaca o papel da mulher em sua obra *Clara dos Anjos* (1948) enfatizando a discriminação sofrida pela mulher na sociedade da qual as pessoas em geral fazem parte, analisando especificamente de que forma o escritor destaca o perfil da mulher negra na obra em análise. É relevante afirmar que o trabalho procura identificar de que forma o autor destaca a postura da mulher no corpo na obra em tela, e por fim, apontar alguns pontos de avanços do papel da mulher no decorrer da história e atualmente em nossa sociedade.

Salientamos que, para isso, verificamos a necessidade de realizar uma abordagem específica a respeito da vida do autor e do momento histórico vivenciado por ele para compreendermos as implicações sócio culturais. Lima Barreto viveu e escreveu em um momento de grande efervescência, visto que o Brasil passava por grandes transformações políticas e sociais. Notamos que o autor evidenciou um caráter autobiográfico nessa obra, pois sendo ele mulato, sentiu como a sua cor interferiu desfavoravelmente em várias situações da sua vida.

Atualmente, na tentativa de diminuir a discrepância e, por consequência, a diferença social que afeta bruscamente os negros, encontramos políticas públicas contra o racismo, que visam reparar os danos históricos causados aos afrodescendentes, desse modo, têm se mobilizado criando, por exemplo, cotas para o ingresso de negros nas universidades.

Em meio aos nossos estudos, observamos que pouco se sabe sobre a história da mulher negra no Brasil e os problemas por elas enfrentados no decorrer da história, e sem sombra de dúvidas, na atualidade. A invisibilidade feminina só é percebida por alguns escritores quando o movimento negro abre espaço para que as mulheres negras iniciem uma luta pela conquista de sua cidadania, logo após a abolição e até mesmo antes pequenos grupos já estavam engajados nesta luta.

Desse modo, destacamos que o presente trabalho se enquadra em uma pesquisa sob o paradigma explicativo pesquisa que tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para ocorrência dos fenômenos, aprofundando o conhecimento da realidade e explicando a razão e o porquê das coisas, logo a natureza dessa pesquisa é qualitativa, pois, os dados recolhidos serão em forma de palavras ou imagem e não números. O resultado da investigação contém citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. (GIL, 2010, p.28).

Este trabalho é importante, pois mostra como as pessoas veem as mulheres negras em nossa sociedade, a discriminação e o preconceito vivido por elas e as conquistas ao longo de décadas sob muita luta e movimentos sociais que lhes garantissem o mínimo de igualdade social. Visto que, tudo em nossa vida, em nosso cotidiano perpassa por um processo de construção, e nesse processo é preciso antes de tudo construir a base, devendo esta ser sólida para que as outras partes a serem construídas resistam a todas as intempéries, é que está pautado a importância desse trabalho, e assim, é com esse pensamento, esse trabalho foi desenvolvido.

O enfoque qualitativo tenta analisar os dados com maior riqueza, respeitando, tanto quanto o possível a forma como esses foram registrados ou transcritos. GODOY (1995 p.21) em sua explanação sobre a importância da abordagem qualitativa explica que:

Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. Além disso, os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo, portanto, atenção especial.

Consequentemente a natureza deste estudo tem uma abordagem qualitativa, devido ao fato de explorar a importância e a realidade do preconceito e discriminação sofrida pela mulher negra na obra de Lima Barreto, “Clara dos Anjos”.

Para realização deste estudo foram utilizados o estudo bibliográfico sobre o tema em questão, para que se tenha uma noção em que estado se encontra atualmente a problemática a ser pesquisada. Segundo Ferrari (1974, p.230), “a pesquisa bibliográfica não é uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sobre novo enfoque ou abordagem, chegando à conclusão inovadora”. Foi utilizado para dar embasamento ao trabalho desenvolvido, dados bibliográficos retirados de diferentes publicações, tais como livros, monografias, publicações avulsas, teses de mestrados e/ou doutorados.

Na ótica de Severino, observamos que:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses e etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2003, p. 122).

Outra técnica utilizada será o registro de sistematização de dados e informações colocando-os em condições de análise por parte do pesquisador, através da identificação, levantamento de dados, exploração de documentos fontes do objeto pesquisado e registro das informações que serão utilizadas no desenvolvimento do trabalho. (SEVERINO 2003, p.124).

Destacamos que para orientar a leitura do trabalho o presente texto está estruturado em dois capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado: “Lima Barreto e sua importância literária”, apresentaremos um pouco da trajetória histórica do autor e de suas obras e sua importância para a literatura, destacando o papel da mulher em sua obra “Clara dos Anjos”. E, em seguida, tratamos do arcabouço teórico relacionado à temática de estudo.

No segundo capítulo, intitulado: O papel da mulher na obra de Lima Barreto “Clara dos Anjos” e nos dias atuais, será apresentado os dados da pesquisa bibliográfica apontando a discriminação sofrida pela mulher na sociedade, apontando a postura da mulher no corpo da obra.

Por fim nas considerações finais será apontado alguns pontos de avanços conquistados pela mulher na sociedade atualmente.

## **1 LIMA BARRETO E SUA IMPORTÂNCIA LITERÁRIA**

Afonso Henriques de Lima Barreto, mestiço e pobre, nasceu no Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1881 e faleceu no dia 1º de novembro de 1922. Sendo ele, filho de um casal de mulatos, Amália, sua mãe, que foi professora e de João Henriques de Lima Barreto que foi tipógrafo da Imprensa Nacional. Desde criança, sofrera com a discriminação e o preconceito, pois na escola os colegas implicavam até com o seu nome que era o nome do rei de Portugal e seus colegas julgavam que ele por ser mulato não deveria usar um nome tão pomposo. Como estudante, Lima Barreto não foi feliz, pois colecionou ao longo de sua vida algumas reprovações. Não que ele não gostasse de estudar, mas porque preferia ficar na Biblioteca da escola estudando Filosofia, ao invés de assistir as aulas.

Estava vindo à tona a sua vocação para romancista. Ele escrevia de maneira desordenada e quase compulsiva, iniciava mais de uma obra e não concluía nenhuma. Colaborava com a revista *Fon-Fon* e a revista *Floreal*, que abria espaço para escritores que estavam comprometidos em denunciar os problemas da sociedade em que viviam.

Conforme escreveu Moura em seu trabalho intitulado *Lima Barreto – um mulato intelectual na Bruzundanga*,

As glórias literárias com as quais Lima Barreto sonhou angustiadamente durante sua vida só viriam após a sua morte. Foi principalmente depois de ele ter deixado este mundo que estudiosos se debruçaram sobre os seus escritos para dar-lhes a devida importância. É, sobretudo, a partir da década de cinquenta que começam a surgir estudos desvinculados dos juízos negativos que a crítica contemporânea fizera sobre o que escreveu. Diversos estudiosos, a despeito das censuras que a crítica lhe impingira, perceberam que a obra de Lima Barreto tinha verdadeiro valor e que não se tratava apenas da exposição de dores pessoais. Então, dedicaram-se a tornar públicas suas análises e mostrar a todos aqueles

que apreciam a Literatura sua relevância para a História da Literatura Brasileira. (MOURA, 2010, p.07)

Lima Barreto passou a ser considerado a-intelectual da época, ou seja, uma negação do intelectual, da intelectualidade em relação ao seu tempo que era bem recebida nos salões frequentados pela sociedade, conforme HIDALGO (2008, p.129) “Dedicou-se a escrever com afinco obras que criticavam a sociedade brasileira demonstrando sua insatisfação com os modos da época”. Em seu livro “os Bruzundangas” escrito em 1917, ele satiriza o Brasil, inspirado nas cartas Persas de Montesquieu. Em seu trabalho nesses escritos faz críticas sobre os privilégios da nobreza, sobre o poder das oligarquias rurais, as desigualdades sociais, a saúde e a educação que não tinha nenhuma preocupação por parte dos governantes, enfim criticava a forma de organização da sociedade. Combatia o latifúndio e reclamava a reforma agrária como condição essencial para o desenvolvimento do país.

No romance *Clara dos Anjos*, objeto de nosso estudo, escrito no início de 1922, o autor denuncia os problemas cotidiano do século XX, tais como: preconceitos raciais, sociais e de gênero, onde ele expõe o papel da mulher e os preconceitos sofridos por elas naquela época sendo submissas, abandonadas, violentadas e expostas ao constrangimento público. A respeito da obra em tela Alfredo Bosi afirma que:

O drama da pobreza e do preconceito racial constitui um núcleo de *Clara dos Anjos*, [...]. As humilhações do mulato encarnam-nas Clara dos Anjos, moça pobre de subúrbio, seduzida e desprezada por um rapaz de extração burguesa. (BOSI, 2017, p.343).

Esses problemas enfrentados por milhões de pessoas no Brasil, tem sido bastante debatido, até porque diante do avanço conseguido com muita luta, se torna impossível esconder e até mesmo negar a existência do racismo no nosso país. Movimentos de lutas contra o racismo são muito frequentes, como por exemplo, a semana da Consciência Negra no Brasil, que é um evento que reúne em Salvador diversos líderes da sociedade civil, apoiados pela ONU (Organização das Nações Unidas), na luta contra o preconceito e as desigualdades sofridas pelas pessoas que tem tom de pele escura.

Uma boa parte de suas obras são reflexos da experiência vivida por ele e pela família, como por exemplo, em suas memórias escritas em *O Cemitério dos Vivos* (1919), fruto de uma de suas crises de depressão que teve como consequência sua internação no hospício Nacional, são reflexões em torno da vida naquele local; em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, há uma nota autobiografia ilhada e exasperada nos primeiros capítulos, onde a presença de Isaías como personagem polarizadora, sustenta a própria frustração do autor, que nele se encarna, tornando especialmente doídos os seus encontros com os personagens de cor e de classe. Em o Triste Fim de Policarpo Quaresma, o autor criou uma personagem um pouco mais distante de suas amargas pessoais, sem, contudo, deixar de fora sua obsessão nacionalista. (BOSI, 2017 p.340 - 341).

Lima Barreto, no entanto, passou por vários e sérios problemas de saúde, inclusive foi internado em um hospício, devido a uma forte crise nervosa, que resultou na experiência nas anotações dos primeiros capítulos da obra “O cemitério dos vivos”, entre 1919 e 1920. Com a saúde já bastante abalada a doença força a sua reclusão na casa modesta de Todos os Santos. Em maio de 1922, a revista “O Mundo Literário” publica o primeiro capítulo de Clara dos Anjos.

Apesar do vício da bebida que já tinha começado a manifestar-se nele, não se sentiu impedido de continuar a sua colaboração na imprensa, iniciando uma série de crônicas diárias no Correio da noite. Alguns anos mais tarde, inicia uma longa fase de colaboração na revista Careta, em artigos políticos sobre variados assuntos.

Tendo sua saúde agravada pelo reumatismo, pela bebida e por outros procedimentos, Lima Barreto, morre em 1º de novembro de 1922, vitimado por um colapso cardíaco.

Em “Clara dos Anjos” obra do ano de 1922, nosso objeto de estudo, destaca o preconceito racial pelo qual passou não só o homem mulato e o negro recém-saído da escravidão, como principalmente a mulher mulata e negra. Ele mostra em seu livro a evidente revolta contra a ordem social injusta, através de personagens oprimidos do subúrbio, local ideal para a percepção do

contraste. Faz denúncia da hipocrisia, da questão racial, das falsas aparências, critica a burocracia medíocre e inútil.

Em seus trabalhos Lima Barreto descrevia com riqueza de detalhes características físicas, destacando principalmente os traços físicos com relação a cor de seus personagens, uma prática incomum para a época como destaca a professora, historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz em sua obra *Lima Barreto – Triste visionário*:

O escritor não deixa escapar as mínimas variações na “cor escura”, prática estranha à época, tanto na literatura como na pintura e até mesmo na fotografia. Pintores acadêmicos alegavam dificuldades na hora de representar corpos negros em suas telas. Teoricamente, o problema era apenas técnico: faltavam tintas e modelos adequados para representar os tantos tons de marrom da nossa população. A falta era, porém, excesso (de sentido): careciam os recursos e a vontade de pintar aqueles que pouco frequentavam os retratos das pinacotecas, mas eram (e são) maioria entre os habitantes do nosso país. (SCHWARCZ, 2017, p. 127)

Desse modo, notamos que o escritor reconhecia que as mulheres viviam na condição de semiescravidão e isso provocava indignação. Por isso, ele lutava contra o preconceito e a discriminação contra as mulheres, pois elas eram renegadas aos seus sentimentos mais profundos.

Assim, no Brasil há um desabrochar de interesse entre os novos escritores em favor da obra de Lima Barreto, tido como o pioneiro do romance social e cuja produção literária vasta- em proporção ao número de anos em que viveu – ganha a cada dia, o merecido destaque que lhe é devido.

## 1.1 O RACISMO PRESENTE NA OBRA CLARA DOS ANJOS E NO BRASIL

A mulata Clara, personagem do romance *Clara dos Anjos*, é moça pobre que habitava no subúrbio do Rio de Janeiro, vítima de um drama pessoal, com valores reduzidos por ser mulher e ainda mais por ser mulata e pobre. Era uma jovem de seus dezessete anos tratada pelos pais com muito carinho, que só

saia com o pai, a mãe e uma vizinha que era viúva muito séria, Dona Margarida que lhe ensinava bordados e costuras. (BARRETO, 1997, p. 05). Clara era uma menina superprotegida pelos pais, sendo dessa forma ingênua e frágil, além de romântica e sonhadora. Dona Engrácia, sua mãe, era uma personagem que vivia subordinada ao marido e não gostava de sair de casa. Educou Clara de acordo com as instruções que recebeu ao estudar com os filhos do senhor que a criava antes de casar. Sobre Clara dos Anjos podemos destacar que:

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal de Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. O mundo se lhe representava como povoado de suas dúvidas, de queixumes de viola, a suspirar amor. Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo. (BARRETO, 1997, p.68).

A superproteção na qual Clara estava envolvida não a deixava perceber que ela tinha uma visão distorcida de sua identidade, não percebendo o preconceito por não se enquadrar nos padrões da época. A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca de seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos. (BARRETO, 1997, p. 105). Ela não percebia a distinção que era feita entre negros, mulatos e brancos. O despertar de Clara, nesse sentido, acontece quando foi ofendida pela mãe de seu algoz, conforme podemos vislumbrar no fragmento abaixo:

Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar isso, seu padrinho! Coitado! (BARRETO, 1997, p. 105).



Observamos que a mulher na obra em análise é passiva e incapaz de tomar qualquer iniciativa ou decisão. Pobre, crioula e mulata, são marcas suficientes para que tudo e todas condenem os esforços para transformar o contexto social. Inúteis são as tentativas de elevação da condição moral e social. A personagem representa a grande maioria das mulheres de sua condição, já que o seu drama é o mesmo de várias gerações de mulheres de sua cor e de sua classe social.

As conclusões finais da heroína reforçam as reflexões sobre o destino das mulheres mestiças. Essa conclusão veio através da humilhação sofrida por Clara diante da família de Cassi quando foi pedir reparação do erro cometido pelos dois insensatos.

Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; [...] as suas roupas chamavam a atenção dos outros, que teimavam em descobrir aquele aperfeiçoadíssimo Brandão, das margens da central, que lhe talhava as roupas. [...] o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao meio – a famosa pastinha. Não usava topete, nem bigode. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão. (BARRETO, 1997 p.09)

Lima Barreto focaliza no romance a hipocrisia de nossa sociedade. O autor é um mestre da ironia, recurso que se adapta com perfeição a um projeto literário fundamentado na denúncia das mazelas do Brasil.

O romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, configura o drama da pobreza e do preconceito racial, expressando as humilhações sofridas pelo autor na pele de uma moça pobre de subúrbio, seduzida e desprezada por um rapaz burguês, confirmando ao final, sem salvar a heroína, a proibição da ascensão a todas as mulheres que, como Clara, pensam em romper os limites fabricados para separar as classes. As chances de ascensão são limitadas e quase inacessíveis. (BOSI, 2017 p.343).

Lima Barreto desejava transformar, mesmo que satirizando, a realidade, denunciando os desequilíbrios reais vivenciados pelos indivíduos menos afortunados daquela época. Para denunciar os males da sociedade brasileira, Lima Barreto relata as ações no ambiente suburbano com suas casinhas e

barracões, com animais criados no fundo dos quintais, com brigas, jogatinas, conversas na porta da venda, violão e modinha, mulheres aprisionadas no cotidiano da comida, dos filhos e da falta de dinheiro. O autor destacava em sua obra a desigualdade entre o espaço do subúrbio e a cidade do Rio de Janeiro, conforme podemos verificar no seguinte excerto:

Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro (BARRETO, 1997, p. 53).

Muito embora o Brasil tenha avançado nos últimos anos, no que diz respeito a área social, ainda existem muitos problemas graves que afetam a vida de milhões de pessoas, como por exemplo, desemprego, violência, educação saúde, criminalidade, habitação, entre outros. Esses problemas excluem os brasileiros da sociedade, pois muitos não tem acesso aos meios que permitam conseguir o mínimo de condições básicas de vida.

No Brasil de hoje, além das desigualdades sociais entre negros e brancos, a discriminação e o preconceito ainda atingem uma forte camada do meio social. Ninguém admite abertamente, mas, frases, comportamentos, ilustrações nos livros didáticos e atitudes cotidianas, traduzem o desprezo que determinados integrantes da sociedade brasileira nutrem pelo negro. Não se costumam reconhecer o valor de um indivíduo negro, na sociedade brasileira, por isso, ainda as diferenças culturais existentes não são respeitadas, dificultando assim o convívio entre as pessoas em uma mesma comunidade.

Não há nada mais contraditório em dizer que o brasileiro aceita todos sem distinção de cor, sexo, origem e deficiência. Ao longo da história do Brasil, o preconceito racial contribui para o sofrimento de um povo que para aqui vieram escravizados. Os preconceitos gerados no âmbito social manifestam-se em vários fatores: na cor da pele, na posição econômica, numa suposta medição do grau de inteligência, numa doença específica, numa deficiência física ou mental, dentre outros.

As pessoas precisam ser educadas para respeitar as outras, mas a escola também favorece a difusão, ainda que inconsciente de ideias preconceituosas. É na escola que deve ser feita a primeira forma de combate ao preconceito, pois é ele que participa da formação das crianças como cidadãos. E, por isso ela deve sempre estar preocupada em não reproduzir estereótipos, que devem ser definidos como rótulos usados para qualificar genericamente grupos raciais, étnicos ou de sexos diferentes.

A sociedade brasileira deve conhecer a história do Brasil desde a sua descoberta. Os negros foram trazidos para trabalhar como escravos e eram considerados como objetos, “máquinas vivas” para o trabalho. Com a escravidão, houve a miscigenação, uma mistura forçada entre povos. Assim, a maioria da população do Brasil, hoje, é originária dos negros escravizados, sendo, portanto, “a alma dos brasileiros”. Infelizmente, por mais que a sociedade tenha passado por várias transformações, ainda são bem visíveis as marcas da desigualdade, seja em forma de salário e/ou oportunidades, e de preconceito seja racial, de gênero, etnia, preferência sexual, de cor ou religião.

## 2 O PAPEL DA MULHER NA OBRA DE LIMA BARRETO “CLARA DOS ANJOS” E NOS DIAS ATUAIS

Nesse como em outros romances, o escritor Lima Barreto coloca ressentimento do mulato enfermiço e o suburbanismo com bastante clareza. Também é colocada a frustração do autor com relação aos preconceitos de cor e de classe. O drama de Clara, as humilhações, a sedução e o desprezo são parte das mazelas da vida brasileira. O jogo de sedução que Cassi exercia sobre as mulheres, o deixava em grande vantagem para delas se aproximar. Clara deixou-se embevecer por suas trovas sonoras, para mais tarde sofrer humilhada, conforme podemos vislumbrar no fragmento abaixo:

Clara, que sempre a modinha transfigurava, levando-a a regiões de perpétua felicidade, de amor, de satisfação, de alegria, a ponto de quase ela suspender, quando as ouvia, a vida de relação, ficar num êxtase místico, absorvida totalmente nas palavras sonoras da trova, impressionou-se profundamente com aquele jogo de olhar, com que Cassi comentava os versos da modinha. [...] tão embevecida estava, tão longe pairava o seu pensamento que, quando Cassi acabou, esqueceu-se de aplaudir o troveiro que, para o seu rudimentar gosto, lhe tinha proporcionado tão forte prazer artístico. (BARRETO, 1997 p.32).

O romance, *Clara dos Anjos*, aborda o tema do preconceito e da pobreza vividos por uma mulher. Uma mulata que morou no Rio de Janeiro, lugar que aparece no texto da obra, com marcas de seu cotidiano e de suas caminhadas. A história de Clara acontece não numa cidade bonita do Rio de Janeiro, mas, no subúrbio, numa periferia distante dos limites municipais. O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o

Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central. (BARRETO, 1997 p. 52).

Clara inicia seu martírio quando é seduzida por Cassi Jones, um jovem conquistador suburbano que protegido pela mãe, vivia aplicando golpes, sendo suas vítimas mais frequentes as moças pobres e, às vezes, órfãs de pai, que eram sempre humilhadas pela injúria de terem sido seduzidas e defloradas, não ficando fora dessa proeza até mulheres casadas. Ilustrado no excerto a seguir:

Em geral, as moças que ele desonrava eram de humilde condição e de todas as cores. Não escolhia. A questão é que não houvesse ninguém, na parentela delas, capaz de vencer a influência do pai, mediante solicitações maternais. (BARRETO, 1997 p.10)

Clara, apesar de não ser órfã, era ingênua e Cassi aproveitou-se de sua ingenuidade para desonrá-la e em seguida abandoná-la grávida. “É verdade que tinha náuseas, enjoos, sem causa nem motivo; mas ela dissimulava-os tão bem, que sua mãe nada percebia”. (BARRETO, 1997 p.94).

O romance *Clara dos Anjos* retrata o episódio onde uma jovem mulata, ingênua e pobre foi violentada, discriminada e vítima de preconceito. Sem condições físicas e nem moral para lutar por seus direitos muitas mulheres eram entregues à própria sorte, levando inclusive algum tempo para entender o que tinha acontecido “Nós não somos nada nesta vida”. (BARRETO, 1997 p.106).

As mulheres estão em constante evolução, dois fatores são importantes para a crescente integração da mesma na sociedade: o trabalho e a instrução, que exigem grande esforço na luta contra os preconceitos de uma sociedade patriarcal. Prova disso é que na década de 1990, a taxa de natalidade diminuiu devido ao fato de que elas representam quase cerca de 50% das pessoas que trabalham, algumas são até considerado chefe da família. Contudo, com a personagem Clara podemos observar que:

A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua

honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, (...). (BARRETO, 1997 p.108).

Apesar de as mulheres estar em constante evolução, sua participação na vida social ainda é menor que a masculina. No romance D. Engrácia deixa bem claro o papel que a mulher desempenhava naquela época, como está descrito no texto da obra:

O seu temperamento era completamente inerte, passivo. Muito boa, muito honesta, ativa no desempenho dos trabalhos domésticos; entretanto, era incapaz de tomar uma iniciativa em qualquer emergência. Entregava tudo ao marido, que, a bem dizer, era quem dirigia a casa. (BARRETO, 1997 p.35).

O trabalho fora de casa proporciona à mulher uma abertura para o mundo real. Elas escapam da solidão e do isolamento. O trabalho é condição de realização feminina. Essa realização começou a se fazer mais presente na vida das mulheres a partir da segunda metade do século XX.

Hoje, contudo é maior o percentual de mulheres no papel de chefes de família. Esse aumento é um fenômeno principalmente urbano e relaciona-se em boa parte com a separação de casais. Permanecendo, no entanto, uma diferença significativa entre a média de salários pagos as mulheres e aos homens.

Segundo Tavares (2012 p.16),

Por ser uma mudança demorada e árdua e início de suas conquistas, a mulher ainda permaneceu com algumas desigualdades, podendo-se citar que o homem continuou como o chefe da família e com o exercício do pátrio poder, mas com a colaboração da mulher; direito reduzido do homem em fixar domicílio que a prejudicasse e existência em desfavor da mulher de direitos diferenciados.

As desigualdades entre homens e mulheres, não é recente, sempre se acreditou que a mulher era um ser inferior na escala que dividia homens e mulheres, sendo reservada a elas um papel de menor destaque. Seus direitos e deveres estavam sempre relacionados aos cuidados da casa e a criação dos filhos. Na segunda metade do século XX, o movimento feminista começou a ser difundido e, chamou a atenção de homens e mulheres para a situação de desigualdade entre eles. O atual feminismo brasileiro nasce, nos, no panorama

internacional que instituía o Ano Internacional da Mulher (1975), favorável, portanto, à discussão da condição feminina e, ao mesmo tempo, no amargo contexto das ditaduras latino-americanas, que calavam, implacáveis, as vozes discordantes.

Hoje já se pode encontrar mulheres parlamentares exercendo o cargo de primeira ministra, juízas e até mesmo já fazem parte da polícia feminina ou são guardas de trânsito. A mão de obra feminina tem sido considerada uma força produtiva, embora se tem revelado com evidencia a alta capacidade produtiva feminina.

Em seu dossiê Feminismo, História e Poder, Pinto Céli, (2009, p. 20) destaca que:

Este espaço de poder tem mostrado uma grande capacidade de conversão de novos membros à sua dinâmica de reprodução de desigualdade, na apropriação, por exemplo, dos bens públicos. Para ter este êxito, deve limitar o acesso aos novos membros. Ao próprio feminismo foi dado um lugar neste arranjo de dominação. As mulheres feministas podem falar algumas coisas e não outras. As mulheres não - feministas terão poderes outros, porque não - feministas. Quando uma mulher fala, sua fala tem uma marca: é a fala de uma mulher; quando uma mulher feminista fala, tem duas marcas, de mulher e de feminista. A recepção destas falas por homens e mulheres tende a ter a mesma característica, é a recepção de uma fala marcada, portanto particular, em oposição à fala masculina/universal. Se for a fala de uma mulher feminista, é o particular do particular.

A cultura é uma realidade viva, e só aquele que contribui para o seu dinamismo, produzindo, pensando, respondendo as suas exigências, criando, modificando, pode-se dizer integrado. A maior ou menor integração nacional depende do quanto os seus indivíduos e grupos participam ativamente do seu desenvolvimento sócio-econômico-cultural. É possível perceber que há maior participação feminina hoje do que ontem, porque ocorreu modificação do tipo de trabalho executado pela mulher, atribuindo-lhe não só atividades de execução, mas também aquelas que implicam reflexão e decisão.

Só uma razoável quantidade de informações sobre o mundo permite ao indivíduo saber que as manifestações dos valores variam no tempo e no

espaço, tornando possível a conscientização de que os valores próximos que o circundam não são absolutos e imutáveis. Por ser uma realidade social essencialmente dinâmica, frequentemente ocorre que a passiva aceitação dos valores dominantes traz como consequência a inevitável efetivação de injustiças. Em seu artigo *Preconceito e Discriminação: As Bases da Violência Contra a Mulher*, Silva (2010, p.565) afirmar que:

O relatório também revela como as mulheres moradoras de comunidades socialmente excluídas batalham diariamente para (sobre) viver, educar os filhos e lutar por justiça nas favelas, ao passo que sofrem risco de vida e estão sujeitas aos ditames do crime organizado, servindo no mais das vezes de moeda de troca entre facções rivais, de mulas para o tráfico de drogas ou submetidas ao poder corrupto da polícia, que deveria protegê-las. Nessas comunidades, dificilmente haveria possibilidade de levar a cabo as determinações da Lei Maria da Penha, considerada, por grande parte dos movimentos sociais, um dos maiores avanços no sistema legislativo brasileiro, reforçado por vários relatórios de organizações governamentais e não governamentais publicados após a sua promulgação.

Notamos que são injustos os sistemas jurídicos que não tratam homens e mulheres com equidade; observamos, também, que não são justos os sistemas que conferem ao marido direito de vida e morte sobre a mulher, direito de castigá-la, prejudicando assim a sua realização profissional. Não são justos porque impedem que a mulher se desenvolva como ser humano integral.

Durante anos, construiu-se um estereótipo com relação a mulher, construindo assim as bases da discriminação e do preconceito que aparece nos mais diversos setores da nossa sociedade, apresentando-se nos mais diversos modos e, na maioria das vezes agem de forma tão violenta que por vezes não se dá conta. As mulheres são agredidas e oprimidas de formas tão diversas, que por vezes a agressão passa despercebida, pois ela assim não compreende a situação, achando até normal o modo como é tratada.

No entanto, mudanças vem acontecendo, muito embora de forma ainda não muito visível, mas, militantes pelos direitos humanos das chamadas minorias como sendo negros, mulheres, homossexuais, idosos, sem-terra e sem teto, estão engajados na luta por mudanças e na busca de uma sociedade



mais igualitária e ao mesmo tempo mais justa no que diz respeito aos direitos humanos.

## 2.1 RACISMO E EDUCAÇÃO

O desenvolvimento da educação no Brasil vem ocorrendo muito lentamente. Alguns aspectos sofrem mudanças, mas quando a informação chega à escola já sofreu algumas mudanças. Ainda assim, não é mais novidade para muitos profissionais da educação a obrigatoriedade do ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira, estabelecido pela Lei Federal 10639/03, de 9 de janeiro de 2003.

Essa inclusão no currículo escolar está sendo bastante questionada pela dificuldade em adquirir material específico bem como pelo preconceito racial que há em muitas pessoas que se consideram brancas. O meio de difusão da cultura afro brasileira e da tentativa de extinguir o preconceito, considerado mais eficiente é a escola. É nela que se pode trabalhar o reconhecimento e a valorização da história africana, sua cultura e sua identidade.

Até bem pouco tempo atrás os métodos de ensino que eram aplicados nas aulas de História eram baseados na memorização e na repetição de textos prontos. Considerava-se que saber repetir lições recebidas era aprender. Hoje a realidade é outra, é preciso aprender e apreender os conhecimentos transmitidos. E, para que isso ocorra, é preciso que os professores, que são peças importantíssimas, no papel de educador, desenvolvam novas metodologias e novas práticas pedagógicas que atendam às necessidades dos alunos e esses possam atingir os objetivos propostos na luta por tornar os alunos cidadãos. O estudo da literatura no Ensino Médio, traduz um significado muito importante para que o conhecimento sistematizado ou não provoque mudanças no comportamento dos jovens, e, essas mudanças sejam retratadas através de atitudes na luta que a sociedade trava em busca de seus direitos que na maioria das vezes são negados ou até mesmo negligenciados.

É na escola que pode ser percebida os diferentes grupos culturais, e lá o professor exerce o papel de mediador na produção de conhecimentos como também favorece o relacionamento entre pessoas de todas as “raças”. Na área da educação, foram criadas políticas públicas para reparar as lacunas que ficaram vazias e que por muitos anos prejudicaram os negros, combater o racismo e a discriminação e reconhecer a igualdade dos direitos sociais, civis, culturais e econômicos do indivíduo.

É principalmente na escola, que se reflete o pouco caso com a cultura africana, pois os livros didáticos em sua maioria quando não destaca o continente africano, dedica apenas uns poucos capítulos para tratar do assunto. À medida que o negro é tratado com igualdade, é despertada a importância dele para a cultura nacional, manifestando sua autonomia, seja individual ou coletiva e seus pensamentos. É dever do Estado garantir por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional. O negro, sentindo que é valorizado, adquire competências e condições para avançar todos os requisitos de conclusão em todos os níveis de ensino, e conseqüentemente pode atuar como cidadão responsável e participante e desempenhar uma profissão com qualidade.

No entanto, as políticas públicas ainda não estão vigorando porque nem todas as pessoas ligadas direta ou indiretamente estão livres do preconceito. O professor mostrar a História da África, promover debates e mostrar a importante contribuição do negro para a formação do povo brasileiro ainda não é suficiente para extinguir a discriminação e o racismo. Desse modo, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, membro do Conselho Nacional de Educação diz que: Uma norma não muda a realidade de imediato, mas pode ser um impulso para introduzir em sala de aula um conteúdo rico em conhecimento e em valores. (GENTILE, p.23)

Para a Instituição Nacional reconhecer o valor dos negros deve buscar a compreensão de seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação com apelidos depreciativos e outros tantos pejorativos, com expressões que sugerem a incapacidade, ridicularizando seus

traços físicos. Infelizmente, a imagem que se tem da África e de seus descendentes não está relacionada com a produção intelectual nem com a tecnologia. A visão que se tem é de crianças famintas e famílias miseráveis, povos doentes e em guerras constantes e vez por outra aparecem algumas mulheres de roupas coloridas ou de safáris africanos. Essas ideias distorcidas desqualificam a cultura negra e acentuam o preconceito do qual 45% de nossa população é vítima, é o que afirma Glória Moura, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade de Brasília (UnB) (GENTILE, p.22).

É secular a mentalidade racista e discriminadora, por isso é um desafio para as instituições de ensino desempenhar o seu papel, constituindo um espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam uma sociedade justa. Todo o processo deve ter início com os próprios professores que não tem conhecimento da construção da identidade negra em nosso país, não sabendo muitas vezes contornar uma situação surgida em sala de aula ou até mesmo no seio familiar.

Todos os alunos negros e não negros, bem como os professores, coordenadores e orientadores deverão sentir-se valorizados e apoiados e para isso se faz necessário defender a reeducação das relações entre negros e brancos. Professores e alunos dependem de um trabalho conjunto, articulado entre processos educativos escolares, políticas públicas e movimentos sociais, visto que a escola é o espaço talvez mais importante, mas, não é o único.

Também em entrevista concedida a Revista Construir Notícias, o escritor Alberto de Costa e Silva, fica deslumbrado com suas descobertas sobre a África e diz que; a primeira impressão que tive foi a de entrar num mundo culturalmente rico. (...) O que existe são numerosos povos de culturas diferentes, que, da mesma maneira que os europeus, possuem alguns elementos culturais básicos comuns. (nº 28 p.35)

O professor-educador deve estar preparado para enfrentar experiências no círculo social e educacional, evitando qualquer forma de discriminação, independentemente de seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política. Fazer fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra, uma vez que, a Lei Áurea libertou a todos os escravos e

não foi tomada nenhuma medida que permitisse a inclusão dos descendentes africanos na sociedade, em condições de igualdade com os brancos.

Novas práticas pedagógicas ou diretrizes metodológicas são essenciais para que o professor aliado ao projeto da escola atinja seus objetivos. Numa visão progressista da educação, a prática pedagógica deve considerar as características do aluno. É essencial que o aluno desenvolva habilidades de observar, perguntar, ler gráficos e figuras, comparar, justificar, explicar, indispensáveis para a reconstrução do seu conhecimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Notamos, assim que falar da contribuição trazida pelos negros que vieram na condição de escravos, fazendo o desenvolvimento de culturas que trouxeram riqueza; epidemias, fome, miséria, guerras existem hoje nos diversos países da África, mas também estão presentes em outros lugares do mundo; a contribuição para o conhecimento da evolução das espécies e discussões que levem o aluno a conhecer os reinos africanos antes da chegada dos europeus ao continente, são, entre outras, questões que podem ser trabalhadas de forma que levem o aluno a refazer o conceito que têm sobre o continente africano e aprender a encarar a realidade de que somos todos africanos.

A mulher possui um histórico de submissão e de desvalorização que vem sendo abolido ao longo do tempo. É um processo lento, porém muitos avanços vêm sendo conquistados nesta área. Lima Barreto marca o desajustamento social do negro, o qual acentua o preconceito racial. Sua visão de futuro, suas reflexões estavam inseridas no contexto social da época e iam além do tempo.

Uma forte desigualdade social e econômica marca a desigualdade brasileira. A população negra; que inclui “pardo” e negro corresponde a quase

metade dos brasileiros. Porém, os efeitos negativos de cerca de quatro séculos de escravidão ainda se fazem sentir. A grande maioria dessa população permanece excluída social e economicamente.

Em 1988 a Constituição da República Federativa do Brasil, reconheceu a igualdade de direitos entre homens e mulheres, e, de lá para cá as mulheres vem marcando presença na luta por seus direitos, como por exemplo, o direito a educação, ao voto, ao divórcio e ao trabalho. No entanto, em pleno século XXI, ainda existem resquícios de preconceitos arraigados nos comportamentos das pessoas, principalmente com relação aos homens.

Um dos principais assuntos no que diz respeito a mulher brasileira vem crescendo pautado em discussões sobre a igualdade de gêneros, dando origem a leis exclusivamente para as mulheres. Entre outras, a principal é a lei do feminicídio que pode ser aplicada quando uma mulher perde a vida em consequência de violência doméstica, abuso sexual, discriminação, menosprezo e até mesmo abuso psicológico. Essa lei de número 13.104 de 09 de março de 2015, foi criada pela necessidade de ser necessário a tomada de providencias mais rigorosas por causa dos altos índices de violência contra a mulher brasileira. Pode também ser citada a lei trabalhista que contempla a mulher dando-lhe direito a seis dispensas medicas por ano para o comparecimento em consultas medicas ou a realização de exames de rotina. Também a Lei Federal de número 11.340 de 2006, conhecida como a lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir e prevenir violência doméstica e familiar contra a mulher e estabelece medidas de assistência e proteção em situação de violência doméstica e familiar.

Ainda podem ser citados outros direitos conseguidos para a mulher, mas que a maioria delas não tem conhecimento sobre esses direitos conquistados ao longo de muitos anos. Apesar de hoje as pessoas já terem outra consciência na questão do preconceito, principalmente com relação à mulher, pode-se perceber que as mulheres já ocupam um lugar na sociedade de grande importância para o progresso e desenvolvimento da sociedade. Aos poucos, as mulheres estão conquistando espaços e respeito aos direitos que

são conseguidos sob uma luta ferrenha com a sociedade que evolui num processo rápido e sem volta.

As mulheres estão se escolarizando cada vez mais e ingressando em campos profissionais de prestígio que antes só os homens tinham acesso. Aos poucos elas começam a ocupar importantes postos de comando, apesar de os salários ainda serem inferiores aos dos homens que ocupam os mesmos cargos. É ainda um grande desafio dos novos tempos políticas públicas de articulação entre a família e o trabalho, pois além de tudo ainda recai sobre elas, em sua maioria, as tarefas domésticas, provocando sobre ela uma sobrecarga de atividades e ainda tem que lidar com a questão do preconceito e da discriminação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 5 ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMPOS, Maria Tereza Arruda. **Lima Barreto**. Editora Ática, São Paulo, 1988.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1981.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 2005

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 51.ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BARSTED, Leila Linhares e PITANGUI, Jacqueline (org.) **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU

Mulheres, 2011. <[http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom\\_onu/pdfs/progresso.pdf](http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf)> Acesso em 09/05/2018.

CAMPOS, Maria Tereza Arruda. **Lima Barreto**. Editora Ática, São Paulo, 1988.

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ETNICO-RACIAIS. *Construir notícias*, Pernambuco, nº 28, Ano 05, p.6 – 16, maio/junho, 2006.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia da Ciência**. Ed. Kennedy Ltda. Rio de Janeiro, 1974.

GENTILE, Paola. **África de Todos Nós**. *Construir Notícias*, Pernambuco, nº29, Ano 05, p.22-31, julho/agosto, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, Arilda Schmidt, **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>> Acessado em 19/05/2018

HIDALGO, Luciana. **Literatura da Urgência: Lima Barreto no domínio da loucura**. São Paulo: Annablume, 2008. Acessado em 19/05/2018

MOURA, Samara Loureiro de. **LIMA BARRETO: Um mulato intelectual na Bruzundanga**. Um estudo do projeto de Literatura Militante de Lima Barreto. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26398/000758256.pdf>> Acesso em 02/03/2018.

PIMENTEL, Silvia. **Evolução dos direitos da Mulher**. Editora Revista dos Tribunais, São Paulo, 1978.

PINTO, Céli Regina Jardim. **FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>> Acessado em 23/03/2018

PINTO Tânia Regina e MOURÃO, Leonardo. *O Silêncio vai acabar*. Nova escola, Abril, nº 120, Ano XIV, p.10-17.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. *A Pesquisa e a Construção do Conhecimento Científico: do planejamento aos textos, da escola à academia*. 2 ed. Versão atual e ampliada- São Paulo: Rêspel, 2003.

SCHWARCZ, Lília Moritz *Lima Barreto: triste visionário*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Sergio gomes da. **Preconceito e Discriminação: As Bases da Violência Contra a Mulher**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n3/v30n3a09.pdf>> Acesso em 23/03/2018

TAVARES, Sônia Prates Adonski. **A EVOLUÇÃO DA MULHER NO CONTEXTO SOCIAL E SUA INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO.** Disponível em <

<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/283MONOGRAFIA%20-%20SONIA%20TAVARES%20-%20UNIJUI%20%20EVOLU%C3%87%C3%83O%20DA%20MULHER%20-%202012.pdf?sequence=1>> Acesso em 21/03/2018.